



CATÓLICA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
E PSICOLOGIA

PORTO

USO DE MEIOS DE COMUNICAÇÃO ELETRÓNICOS POR PARTE DE JOVENS: ESTUDO EXPLORATÓRIO SOBRE O PAPEL DA QUALIDADE DAS RELAÇÕES PARENTAIS

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa
para obtenção do grau de mestre em Psicologia

- Especialização em Psicologia Clínica e da Saúde

Marta Maria Tavares Pereira Rodrigues da Cruz

Porto, julho de 2019



CATÓLICA

FACULDADE DE EDUCAÇÃO
E PSICOLOGIA

PORTO

USO DE MEIOS DE COMUNICAÇÃO ELETRÓNICOS POR PARTE DE JOVENS: ESTUDO EXPLORATÓRIO SOBRE O PAPEL DA QUALIDADE DAS RELAÇÕES PARENTAIS

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa
para obtenção do grau de mestre em Psicologia

- Especialização em Psicologia Clínica e da Saúde

Marta Maria Tavares Pereira Rodrigues da Cruz

Trabalho efetuado sob a orientação de

Prof.^a Doutora Luísa Campos e Prof. Doutor Pedro Dias

Porto, julho de 2019

Índice

<i>Enquadramento Teórico</i>	4
<i>Método</i>	9
Amostra	10
Instrumentos	11
Protocolo de avaliação destinado aos jovens	11
Protocolo de avaliação destinado aos pais/cuidadores	12
Procedimentos	15
Adaptação e Validação portuguesa do Media Activity Form (MAF) - <i>Youth Self-Report and Parent Report</i> (Achenbach, 2018)	15
Recolha de Dados.....	16
Tratamento de Dados	18
Análise de Dados.....	19
<i>Apresentação de Resultados</i>	19
<i>Discussão de Resultados</i>	26
<i>Conclusões</i>	29
<i>Referências bibliográficas</i>	32

Índice de Tabelas

Tabela 1: Nível médio de acordo entre pais e filhos face à utilização de MCE por parte dos jovens	20
Tabela 2: Diferenças no nível de acordo de pais/cuidadores e filhos face à utilização de MCE por parte dos jovens, em função da área de estudo dos jovens	22
Tabela 3: Apresentação dos Resultados Relativos ao Teste Post-Hoc de Gabriel.....	22
Tabela 4: Diferenças no nível de acordo de pais/cuidadores e filhos face à atividade avaliada pelo item quatro, em função do sexo dos jovens.....	22
Tabela 5: Diferenças no nível de acordo de pais/cuidadores e filhos face à atividade avaliada pelo item sete, em função do sexo dos jovens.....	23
Tabela 6: Diferenças no nível de acordo de pais/cuidadores e filhos face às atividades avaliadas pelo item cinco, em função do estado civil	23
Tabela 7: Diferenças no nível de acordo de pais/cuidadores e filhos face às atividades avaliadas pelo item nove, em função do estado civil	23
Tabela 8: Diferenças no nível de acordo de pais/cuidadores e filhos face à percepção de impacto de utilização de MCE por parte dos jovens, em função do estado civil.....	24
Tabela 9: Diferenças no nível de acordo de pais/cuidadores e filhos face à atividade avaliada pelo item quatro, em função das habilitações literárias	24
Tabela 10: Coeficientes de Correlação (Correlação de Pearson) entre a qualidade da relação parental, percebida pelos pais, e os relatos de utilização e impacto de utilização dos MCE por parte de jovens.....	25
Tabela 11: Coeficientes de Correlação (Correlação de Pearson) entre a qualidade da relação parental, percebida pelos pais, e os relatos de pais/cuidadores acerca da utilização e impacto de utilização dos MCE por parte de jovens.....	25
Tabela 12: Coeficientes de Correlação (Correlação de Pearson) entre a qualidade da relação parental, percebida pelos pais e o nível de acordo entre pais/cuidadores e filhos quanto à utilização e impacto da utilização de MCE por parte dos jovens.....	26

Agradecimentos

Aos meus pais pelo apoio incondicional...

Às minhas irmãs pela amizade que nos caracteriza...

Ao Eduardo pela presença e apoio de sempre...

Aos amigos que nunca falham...

A toda a equipa do *Media Activity and Mental Health* pela partilha e aprendizagem...

À Rita e à Érica pela equipa...

Ao João e à Sofia pelas memórias que ficam...

À Prof. Luísa Campos pela energia de sempre...

Ao Prof. Pedro Dias pelo positivismo que o caracteriza...

Aos meus orientadores pela orientação na sua forma mais plena!!

A todos vós o meu mais sincero **OBRIGADA** com a certeza, que recordarei o papel e a importância de cada um neste caminho especial!

Resumo:

Os Meios de Comunicação Eletrónicos ocupam um papel central na vida dos jovens, sendo que as *figuras parentais* assumem um papel crucial nesta utilização.

O presente estudo teve como principal objetivo explorar o papel da qualidade das relações familiares no conhecimento parental do uso de MCE. A amostra foi constituída por 163 jovens e respetivos pais/cuidadores. A análise de dados baseou-se na comparação dos relatos destes participantes face à utilização de MCE por parte dos jovens e à exploração da sua associação com variáveis sociodemográficas e com a qualidade das relações parentais. Para a recolha de dados foram utilizados dois protocolos de avaliação, um destinado a pais/cuidadores (MAF-*Parent Report*; Ficha Sociodemográfica e de Uso dos MCE e Questionário de Avaliação das Relações Familiares Básicas-QERFB) e outro destinado a jovens (MAF-*Youth Self-Report* e Ficha Sociodemográfica e de Uso de MCE).

Os resultados indicam que, quanto melhor a qualidade das relações parentais, menor a perceção de pais/cuidadores e filhos de impacto negativo da utilização de MCE por parte dos jovens e maior o seu nível de acordo acerca desta dimensão. Estes resultados destacam a importância da qualidade das relações parentais, sendo necessários estudos futuros que os possam aprofundar e complementar.

Palavras-Chave: Meios de Comunicação Eletrónicos; Jovens; Pais; Qualidade das Relações Familiares

Abstract

The electronic media occupy a central role in youngsters' life, thus enhancing the parents role in its usage.

This study had as a main objective to explore the link between the quality of family relations and the usage of EM. The sample was constituted by 163 youngsters and their respective parents/caretakers. The data analysis was based on their testimonies regarding the usage of EM by youngsters, its relations with sociodemographic variables and the quality of parental relations. The data was gathered through two assessment protocols, one focused on parents/caretakers (MAF – Parent Report; Sociodemographic Inquiry and of EM usage and Basic Family Relations Inquiry) and the other on youngsters (MAF – Youth Self-Report and Sociodemographic Inquiry and of EM usage).

The results point to the fact that, the better family relations are, the minor is the perception of negative impacts related to EM usage both by parents/caretakers and youngsters and the bigger is the level of agreement on this topic. These results highlight the importance of quality of family relations, notwithstanding further studies are necessary to deepen and complement them.

Keywords: Electronic Media; Youngsters; Parents; Quality Family Relations

Enquadramento Teórico

As Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) têm vindo a ocupar um papel cada vez mais central na vida dos jovens (Amaral, Reis, Lopes & Quintas, 2017; Carvalho, Francisco & Relvas, 2017; Gani, 2017) e das suas famílias (Carvalho et al., 2017). Dados do Instituto Nacional de Estatística (INE) (2016) revelam que entre 2010 e 2016, o número de agregados familiares com internet em Portugal aumentou significativamente destacando-se as famílias com crianças e jovens. Dados da PORDATA (2018a,b,c) permitem-nos concluir que, em 2017, 95% dos jovens entre os 16 e os 24 anos de idade, em Portugal, utilizavam os computadores, que 99% utilizavam a internet e que 76.9% dos agregados domésticos privados tinham ligação à internet. A ligação à Internet nos domicílios tem apresentado uma tendência crescente¹ o que nos permite inferir que o número de famílias que tem internet através de casa poderá continuar a aumentar (PORDATA, 2018a).

As atividades realizadas através dos Meios de Comunicação Eletrónicos (MCE) no nosso país são diversas, sendo as mais comuns (em indivíduos entre os 16 e os 74 anos de idade), nos primeiros 3 meses de 2017, a pesquisa de informação acerca de produtos ou serviços (82%) e a leitura e *download* de notícias jornais ou revistas de notícias (80.1%) (INE, 2017). No que diz respeito especificamente aos jovens, Simões, Ponte, Ferreira, Doretto e Azevedo (2014) referem no seu estudo que as atividades mais frequentemente realizadas são ouvir música, visualizar vídeos, comunicar com amigos e familiares e utilizar as redes sociais, dados também partilhados por Ponte e Batista (2019). A este nível são identificadas diferenças ao nível da idade e do sexo dos jovens. Enquanto que os jovens mais novos (entre os nove e os 12 anos) utilizam a internet sobretudo para visualizar vídeos e para ouvir música, os adolescentes (entre os 13 e os 17 anos) envolvem-se num leque mais alargado de atividades que incluem a comunicação e a participação em redes sociais. Ao nível do sexo verifica-se que as raparigas utilizam mais frequentemente a internet para fins de comunicação e de participação em redes sociais, enquanto que os rapazes apresentam maior tendência para contactar com grupos que têm hobbies e interesses idênticos aos seus (Ponte & Batista, 2019). Para além disto, torna-se visível que o jogo *online* continua a ser uma atividade levada a cabo principalmente por jovens do sexo masculino (Ponte & Batista, 2019). No que diz respeito ao tempo estimado que os jovens portugueses despendem na Internet, não parecem existir diferenças significativas em função do sexo (PORDATA, 2018c). Quando inquiridos, os participantes do estudo de Ponte e

¹ Em 2018, 99.4% dos jovens entre os 16 e os 24 anos de idade utilizavam a internet e 79.4% dos agregados domésticos privados tinham ligação à internet (PORDATA, 2018a,b).

Batista (2019) referem estar uma média aproximada de três horas por dia na internet, sendo que o valor mais elevado foi encontrado em jovens entre os 15 e os 17 anos de idade que identificam uma média de quatro horas diárias. Este tempo tem alarmado pais/cuidadores que temem a redução do envolvimento noutra tipo de atividades (Ponte & Batista, 2019), como é o caso das atividades extracurriculares.

O impacto e a utilização das TIC têm sido estudados com diversas populações e faixas etárias (Simões et al., 2014; Ponte & Batista, 2019). No que diz respeito especificamente aos jovens, pode dizer-se que as especificidades desta fase de desenvolvimento justificam que lhe seja atribuída uma atenção específica (WHO, 2018) o que nos permite compreender que a centralidade das tecnologias na vida dos jovens não tenha passado despercebida aos investigadores. É possível encontrar vários estudos, desenvolvidos nos últimos anos, em vários países como é o caso de Portugal, que se focaram no estudo das TIC, e, mais especificamente, nas suas vantagens e desvantagens. Um exemplo é o projeto EU KIDS ONLINE PORTUGAL que a Universidade Nova de Lisboa, integrou no ano de 2006. Trata-se de um projeto a nível internacional centrado nas vivências e nas atividades dos jovens na Internet. Deste projeto foram publicados vários relatórios, tal como o NET CHILDREN GO MOBILE que teve como principais objetivos explorar e caracterizar o acesso, o uso, os riscos e as oportunidades da internet móvel para as crianças e jovens (entre os nove e os 16 anos de idade) em contexto Europeu (Net Children Go Mobile, 2013). Este projeto veio evidenciar a presença das TIC no dia-a-dia dos jovens portugueses, dimensão esta que tem tendência para aumentar com a idade (Ponte & Batista, 2019; Simões et al., 2014), alertando ainda para o papel mediador dos diferentes contextos em que os jovens se inserem, tais como o familiar e o escolar (Simões et al., 2014).

A análise da literatura existente, quer a nível nacional, quer a nível internacional permite-nos compreender que as vantagens e desvantagens dos MCE dizem respeito às mais variadas dimensões da vida dos indivíduos, tais como são exemplos, a dimensão pessoal, familiar, social e escolar.

A *nível pessoal e social*, poderá salientar-se o impacto positivo diário de algumas ferramentas tecnológicas descrito em alguns estudos. Por exemplo, os jovens referem que os *smartphones* contribuem para a diminuição do aborrecimento (por exemplo através do acesso a formas de entretenimento, [Ponte & Batista, 2019]), para o aumento da proximidade com amigos, para o aumento da disponibilidade para estar em contacto, facilitando ainda a gestão de atividades quotidianas (Simões et al., 2014). Um outro estudo de Frenette e Vermette (2013), realizado em vários países como o Canadá, França, o México e a Suécia, permitiu compreender

que as TIC podem ser um facilitador para envolver jovens adultos em assuntos do foro cívico exercendo, ainda, um papel relevante ao nível da realização de trabalhos escolares ou de oportunidades de estudo (Ponte & Batista, 2019). Por outro lado, ao nível das desvantagens, encontramos a exposição dos jovens a vários tipos de riscos (que se torna mais significativa em maiores níveis de exposição online [Lee & Chae, 2012]) como é o caso do *cyberbullying* (Kurek, Jose & Stuart, 2017; Livingstone, Hasebrink, & Görzig, 2012; Mesch, 2009; Ponte & Batista, 2019; Simões et al., 2014; Symons, Ponnet, Emmery, Walrave e Heirman, 2017b), do uso excessivo ou dependência da internet (Ballarotto, Volpi, Marzilli & Tambeli, 2018; Gani 2017; Ko et al., 2006; Livingstone et al., 2012; Ponte & Batista, 2019; Simões et al., 2014; Smahel et al., 2012), da exposição a conteúdo violento ou pornográfico (Livingstone et al., 2012; Ponte & Batista, 2019; Symons et al., 2017b) e do relacionamento ou encontro com pessoas que se conheceu na internet, (Livingstone et al., 2012; Ponte & Batista, 2019; Simões et al., 2014) e cuja informação partilhada poderá não ser real e verdadeira. Para além disto é também identificada a adição a jogos *online* (Mehroof & Griffiths, 2010), a exposição a conteúdo negativo, como racismo, discriminação, ou o incentivo à anorexia ou à automutilação (Ponte & Batista, 2019; Simões et al., 2014) e o *sexting* (partilha/receção de imagens ou mensagens de cariz sexual) (Ponte & Batista, 2019; Simões et al., 2014). Nesta linha, torna-se relevante salientar os resultados partilhados pelo último relatório EU KIDS ONLINE, publicado no início deste ano, e no qual participaram 1974 crianças e jovens com idades compreendidas entre os 9 e os 17 anos. De acordo com as autoras, cerca de 23% das crianças e jovens viveram no último ano experiências que as incomodaram ou perturbaram na internet, sendo que este valor mais que duplicou em relação a 2014 (Ponte & Batista, 2019).

Relativamente à *dimensão escolar*² são identificadas, igualmente, vantagens e desvantagens. A este nível Harutyunyan, Moldoveanu, Moldoveanu e Asavei (2015) verificaram que as TIC vieram modificar os processos de educação e de aprendizagem, podendo constituir-se como uma mais valia, já que podem facilitar o acesso ao ensino e tornar os contextos de aula cada vez mais interativos, sendo este um aspeto reconhecido, por exemplo, por jovens universitários (Clipa, Colomeischi, Schipor & Cramariuc, 2014).

No que diz respeito à *dimensão familiar* e, especificamente, ao impacto positivo, verifica-se que os MCE assumem um papel muito relevante ao nível da comunicação, nomeadamente entre familiares que, por algum motivo, se encontram longe, possibilitando ainda a partilha de vídeos e de fotografias entre os mesmos (Livingstone, Blum-Ross & Pavlick,

² Tendo em conta os objetivos do presente estudo esta dimensão, embora pertinente, não será mais aprofundada.

2018; Romero-Ruiz et al., 2017; Sharaievska & Stodolska, 2017; Trilar, Jazbinsek, Jensterle & Duh, 2018). Para além disto, este tipo de tecnologias parece ter ainda um impacto positivo ao nível do entretenimento familiar, já que facilita, por exemplo, o acesso a filmes ou vídeos (Romero-Ruiz et al., 2017). Esta conclusão é também partilhada relativamente ao uso das redes sociais que podem também constituir-se como possíveis promotoras do lazer familiar, tal como nos indica o estudo de Sharaievska e Stodolska (2017) desenvolvido nos Estados Unidos da América. Os participantes (sete famílias com jovens com idades compreendidas entre os 13 e os 17 anos de idade) deste último estudo revelaram que, por vezes, o acesso às redes sociais facilita a obtenção de ideias para o entretenimento em família ou até mesmo para o planeamento de eventos (por exemplo, festas de aniversário). No entanto, verifica-se também que a comunicação entre familiares, ao mesmo tempo que pode ser promovida pelas tecnologias, pode também ser negativamente afetada pelas mesmas, tal como ocorre, por exemplo, quando os membros da família, apesar de juntos fisicamente, acabam por estar mais ligados aos MCE do que uns aos outros (Romero-Ruiz et al., 2017; Sharaievska & Stodolska, 2017; Trilar et al., 2018), o que poderá ter um impacto negativo como se verifica, por exemplo, ao nível das relações conjugais (Saleem, Fatima, Hadi, Nasir & Riaz, 2015). Por fim, verifica-se que um menor consumo digital dos jovens se encontra relacionado com um melhor funcionamento familiar (Valdemoros-San-Emeterio, Sanz-Arazuri & Ponce-de-León-Elizondo, 2017). Tendo em conta os aspetos supramencionados e o facto dos níveis de utilização das TIC, no seio das famílias, ser cada vez maior (Carvalho et al., 2017) é importante salientar a ideia partilhada por Sharaievska (2017) que nos alerta para a necessidade de olharmos para as TIC como uma dimensão que faz parte da vida dos indivíduos, tendo impactos em diferentes contextos tais como o trabalho, o lazer, a comunicação, as relações e até mesmo a família. No que diz respeito especificamente à *dimensão familiar* sabe-se que esta nova realidade e o consumo digital dos jovens, veio alterar o funcionamento das famílias e o modo como os seus membros interagem entre si (Carvalho, Francisco & Relvas, 2015), tal como explicitado. Surge, assim, a necessidade de que os projetos educacionais das famílias se adaptem a esta nova realidade (Valdemoros-San-Emeterio et al., 2017) e desenvolvam orientações específicas e adequadas à idade dos jovens (Simões et al., 2014).

Identificadas as principais vantagens e desvantagens associadas ao uso das tecnologias, quer a nível individual, quer ao nível dos vários contextos em que os jovens se inserem, como é o caso da escola ou da família, a literatura tem identificado várias entidades como tendo um

papel fundamental nestas questões tais como os pais/cuidadores (Gani, 2017; Ponte & Batista, 2019) os pares, a comunidade (Universidade Nova de Lisboa, 2006; Ponte & Batista, 2019) e o contexto escolar.

No que diz respeito às *figuras parentais*, sabe-se que estas se assumem como importantes agentes no desenvolvimento emocional dos adolescentes (Silva & Freire, 2014) exercendo influência no desenvolvimento psicológico dos mesmos (Chandrasekaran et al., 2017). No que diz respeito aos MCE, sabe-se que um maior envolvimento parental parece estar associado a menor uso problemático da Internet (Bleakley, Ellithorpe & Romer, 2016) e a menor exposição aos seus riscos (Lee & Chae, 2012). Tal como apontam Ponte e Batista (2019) é, fundamentalmente, no contexto familiar que o uso da internet é regulado ou mediado, nomeadamente no caso de jovens mais novos. Ao nível da literatura foram identificados vários tipos de mediação que têm sido amplamente estudados, sendo eles a mediação ativa, a mediação restritiva, a monitorização e a mediação técnica, que se distinguem pelo tipo de estratégias que são adotadas pelos pais/cuidadores a fim de regular e de monitorizar o uso que os filhos fazem destas novas tecnologias. Da mediação ativa fazem parte estratégias como a partilha de experiências *online* ou a existência de conversas sobre o tema. A mediação restritiva, por outro lado, passa pela existência de regras que limitam tempo, locais e atividades no campo das tecnologias e que, tal como o nome indica, restringem o uso que os jovens fazem das mesmas. A monitorização, por sua vez, engloba, por exemplo, estratégias como a verificação de registos de atividade. Por último, a mediação técnica passa pela utilização de *softwares* para reduzir a probabilidade de vírus, pelo recurso a ferramentas que permitem ter acesso aos *websites* visitados ou até mesmo ao bloqueio de alguns deles (Simões et al., 2014).

As estratégias de mediação utilizadas pelas figuras parentais têm tido destaque na literatura, sendo possível encontrar vários estudos focados na exploração das variáveis que podem influenciar esta dimensão, quer relacionadas com os educadores³ (Brito, Francisco, Dias & Chaudron, 2017; Livingstone & Helsper, 2008; Symons, Ponnet, Emmery, Walrave & Heirman, 2017a), quer relacionadas com os próprios jovens⁴ (Giménez, Luengo & Bartrina, 2017; Haddon, 2015; Lee, 2012; Livingstone & Helsper, 2008; Livingstone, Blum-Ross & Pavlick, 2018; Simões et al., 2014; Sonck, Nikken & Hann, 2013; Symons et al., 2017b).

³ A este nível têm sido identificadas variáveis tais como a perceção face ao uso das tecnologias; os níveis de uso e a literacia dos educadores relativamente às tecnologias; o nível socioeconómico ou o sexo.

⁴ A este nível têm sido identificadas variáveis tais como a idade ou o sexo dos jovens.

De entre as variáveis relacionadas com a mediação parental do uso dos MCE destaca-se a qualidade das relações familiares. Nesta linha, parece importante salientar o estudo desenvolvido por Kerr, Stattin e Burk (2010), que procurou compreender se o conhecimento dos pais/cuidadores acerca das atividades diárias dos seus filhos se encontrava mais relacionado com o que os jovens partilhavam com os mesmos ou com os seus esforços de monitorização. Os autores afirmam que aquilo que os pais/cuidadores sabem acerca dos seus filhos se encontra mais relacionado com o que os próprios filhos partilham do que com o que os educadores procuram descobrir, por exemplo, através de técnicas de monitorização (mais visíveis em jovens mais novos). Deste modo, os jovens foram considerados a melhor fonte de informação que os pais/cuidadores podem ter acerca das atividades diárias dos seus filhos (Kerr, et al., 2010), sabendo-se que ambientes familiares de confiança e proximidade poderão aumentar a probabilidade de os jovens reportarem situações, relacionadas, por exemplo, com o uso de MCE que os incomodam (Simões et al., 2014). Esta dimensão torna-se ainda mais evidente no caso de jovens mais velhos. Tal como aponta Simões e colaboradores (2014) a necessidade de privacidade aumenta na fase desenvolvimental da adolescência, existindo uma necessidade de adaptação e equilíbrio entre a dimensão individual, a familiar e a social (Relvas, 2000). Deste modo, a confiança e o respeito mútuo destacam-se como fatores cruciais nas relações pais - filhos (Simões et al., 2014).

Do exposto, e tendo em consideração os elevados níveis de utilização dos MCE por parte dos jovens, bem como a importância que a qualidade das relações parentais poderá exercer no conhecimento que as *figuras parentais* detêm das atividades diárias dos seus filhos, torna-se pertinente explorar o papel da qualidade das relações familiares no conhecimento parental do uso de MCE por parte de um grupo de jovens, aspeto que, tendo em conta o que foi possível apurar, carece de mais investigação no nosso país.

Método

O presente estudo enquadra-se no projeto *Media Activity and Mental Health*, desenvolvido no Centro de Investigação para o Desenvolvimento Humano (CEDH) da Universidade Católica Portuguesa-Porto cujo objetivo se centra na exploração das potenciais vantagens e desvantagens do uso dos MCE por parte de crianças e jovens.

Especificamente o presente trabalho tem como objetivo geral explorar o papel da qualidade das relações familiares no conhecimento parental do uso de MCE por parte de um grupo de jovens, tendo os seguintes objetivos específicos:

- Estudar o nível de acordo entre pais/cuidadores e filhos quanto à utilização e impacto da utilização de MCE por parte dos jovens.
- Estudar a possível influência de variáveis sociodemográficas de pais/cuidadores e filhos, no nível de acordo entre pais/cuidadores e filhos, quanto à utilização e impacto da utilização de MCE por parte dos jovens.
- Explorar a possível influência da qualidade da relação parental, percebida pelos pais/cuidadores, na utilização e impacto da utilização de MCE por parte dos jovens.
- Explorar a possível influência da qualidade da relação parental no nível de acordo entre pais/cuidadores e filhos quanto à utilização e impacto da utilização de MCE por parte dos jovens.

Amostra

A amostra do presente estudo foi constituída por um total de 163 jovens e seus respetivos pais/cuidadores.

Caracterização Sociodemográfica

No que diz respeito aos *jovens*, 49 (30.1%) eram do sexo masculino e 114 (69.9%) eram do sexo feminino. Tinham uma média de idades de 16.17 ($DP=.95$), frequentavam o ensino secundário e viviam em contexto familiar. Todos os jovens frequentavam o ensino público em dois estabelecimentos, um situado na zona Norte (27%) e outro na zona de Lisboa e Vale do Tejo (73%). No que diz respeito à área de estudo, um total de 73 jovens (48.3%) encontravam-se na área de Ciências e Tecnologias; 19 (12.6%) na área de Ciências Socioeconómicas e 59 (39.1%) na área de Línguas e Humanidades. Residiam maioritariamente com pais/cuidadores e com outros familiares (98.7%), existindo uma minoria que residia apenas com outros familiares (0.6%) ou com outros significativos (0.6%).

No que diz respeito aos *pais/cuidadores*, 28 (18.2%) eram do sexo masculino e 126 (81.8%) eram do sexo feminino. A maioria (81%) eram casados ou viviam em união de facto, nove (5.7%) eram solteiros, 18 (11.4%) encontravam-se divorciados ou em situação de

separação de facto e três (1.9%) eram viúvos. No que diz respeito às habilitações literárias, 44 (27%) participantes tinha completado o ensino básico, 64 (39.3%) tinham completado o ensino secundário e 55 (33.7%) tinham completado o ensino superior. Apenas três participantes afirmaram ter outro tipo de habilitações literárias. No que diz respeito à atividade profissional, 52 (39.1%) participantes enquadravam-se na primeira categoria do Índice de *Graffar* (Amaro, 1990), 19 (14.3%) na segunda, 22 (16.5%) na terceira, 13 (9.8%) na quarta e 27 (20.3%) na quinta. No que diz respeito à situação profissional, 124 (82.7%) dos participantes encontravam-se empregados, 25 (16.7%) afirmaram estar desempregados e um (0.7%) encontrava-se reformado(a). Por fim, a maioria (50.3%) destes participantes tinha dois filhos(as), 41 (25.2%) tinha apenas um filho(a), 32 (19.6%) tinha três filhos(as) e 8 (4.9%) tinham mais que três filhos(as).

Caracterização da Utilização de MCE por parte dos jovens

No que diz respeito à utilização de MCE, a maioria dos jovens afirmaram utilizar dispositivos tecnológicos, tais como o telemóvel (99.4%) (idade média de início 10.52 anos [DP=1.78]), o computador (98.2%) (idade média de início 9.65 anos [DP=2.74]) ou o *tablet* (56.4%) (idade média de início 11.81 anos [DP=2.31]). Com exceção da utilização do *tablet* (que a maioria dos pais/cuidadores afirma que o seu filho não utiliza [71.8%]), a maioria dos pais/cuidadores reportam que os seus filhos utilizam o telemóvel (98.2%) e o computador (89.6%), identificando uma idade média de início de utilização do primeiro dispositivo tecnológico de 9.57 anos (DP= 2.60).

Instrumentos

Os instrumentos utilizados na recolha de dados do presente estudo inserem-se em dois protocolos desenvolvidos pela equipa de investigação: um preenchido pelos jovens e outro preenchido pelos seus pais/cuidadores. Estes protocolos encontram-se descritos abaixo, sendo apenas explicitadas as variáveis que foram utilizadas no âmbito do presente estudo.

Protocolo de avaliação destinado aos jovens

1. Media Activity Form- Youth Self-Report (MAF) (Achenbach, 2018)

O *Media Activity Form-Youth Self-Report*, foi utilizado com o objetivo de caracterizar a utilização e impacto da utilização dos MCE por parte dos jovens; comparar os relatos de

pais/cuidadores e de filhos relativamente à utilização e impacto da utilização dos MCE por parte dos jovens; explorar a possível influência de variáveis sociodemográficas de pais/cuidadores e de filhos na utilização e impacto da utilização de MCE por parte dos jovens e explorar a possível influência da qualidade da relação parental na utilização e impacto da utilização de MCE por parte dos jovens.

Este instrumento é composto por dimensões de cariz sociodemográfico (sexo, idade, ano de escolaridade e curso/área frequentado) e por dois grupos de 13 questões.

Num primeiro grupo são apresentadas afirmações relacionadas com a atividade dos jovens nos MCE (e.g., “*Comunicar por sms, e-mail, messenger, etc.*”) sendo solicitado que os mesmos preencham quanto tempo (em horas e minutos) passam a realizar cada uma das atividades apresentadas, num dia típico da semana, num sábado típico e num domingo típico. Num segundo grupo são apresentadas afirmações que avaliam a perceção que os participantes têm acerca da utilização dos MCE. Estas (e.g., “*Eu passo demasiado tempo nos meios de comunicação eletrónicos*”) são cotadas numa escala de *likert* de 0 a 2, em que “0” deve ser selecionado se os participantes consideram que a afirmação não é verdade, “1” se consideram que às vezes ou algumas vezes é verdade ou “2” se consideram que a afirmação é totalmente ou frequentemente verdade.

2. Ficha Sociodemográfica e de Uso de MCE destinada aos jovens

Este instrumento, tal como mencionado acima, foi desenvolvido pela equipa de investigação, tendo sido apresentado aos participantes após o preenchimento do MAF. O mesmo permitiu caracterizar a amostra e a utilização de MCE por parte dos jovens e explorar a possível influência de variáveis sociodemográficas no nível de acordo entre pais/cuidadores e filhos(as) quanto à utilização de MCE por parte dos jovens.

Este instrumento é constituído por uma questão de cariz sociodemográfico (constituição do agregado familiar) e por questões relacionadas com os dispositivos tecnológicos utilizados pelos jovens. A este nível é solicitado que os jovens assinalem que tipo de dispositivos tecnológicos utilizam atualmente, tendo em conta as opções apresentadas (telemóvel; computador; *tablet* ou outros) e que identifiquem a idade de início de utilização de cada um destes dispositivos.

Protocolo de avaliação destinado aos pais/cuidadores

1. Media Activity Form-Parent Report (MAF) (Achenbach, 2018)

O *Media Activity Form-Parent Report* foi utilizado com o objetivo de caracterizar a utilização e impacto da utilização dos MCE por parte dos jovens através do relato dos pais/cuidadores; comparar os relatos de pais/cuidadores e de filhos relativamente à utilização e impacto da utilização dos MCE por parte dos jovens; explorar a possível influência de variáveis sociodemográficas de pais/cuidadores e de filhos na utilização e impacto da utilização de MCE por parte dos jovens e explorar a possível influência da qualidade da relação parental na utilização e impacto da utilização de MCE por parte dos jovens.

Este instrumento é composto por questões de cariz sociodemográfico relativas aos pais/cuidadores (sexo e estado civil) e por dois grupos de 13 questões acerca da utilização e impacto da utilização dos MCE por parte dos jovens, sendo solicitado que os pais/cuidadores respondam relativamente ao filho(a) que respondeu ao protocolo destinado aos jovens.

Num primeiro grupo são apresentadas afirmações que avaliam a utilização e o tempo de utilização dos jovens nos MCE, sendo solicitado que os pais/cuidadores preencham quanto tempo (em horas e minutos) os seus filhos(as) despendem a realizar cada uma das atividades apresentadas, num dia típico da semana, num sábado e num domingo típicos (e.g., “*Comunicar por sms, e-mail, messenger, etc.*”). Num segundo grupo são apresentadas afirmações que avaliam a perceção que os participantes têm relativamente à utilização de MCE por parte dos jovens (e.g., “*O meu filho(a) passa demasiado tempo nos meios de comunicação eletrónicos*”) e que são cotadas numa escala de *likert* de 0 a 2, sendo solicitado que os participantes assinalem “0” se consideram que a afirmação não é verdade, “1” se consideram que às vezes ou algumas vezes é verdade ou “2” se consideram que a afirmação é totalmente ou frequentemente verdade.

Os dados recolhidos através do MAF (*Parent report e Youth Self-Report*), foram integrados no estudo psicométrico da versão portuguesa deste instrumento.

2. Ficha Sociodemográfica e de Uso de MCE destinada a Pais/Cuidadores

Este instrumento foi desenvolvido pela equipa de investigação do projeto *Media Activity and Mental Health* e utilizado nos diferentes subprojectos que o constituem, tendo sido tal como mencionado, apresentado aos participantes após o preenchimento do MAF. O mesmo permitiu caracterizar a amostra e a utilização de MCE por parte dos jovens e explorar a possível influência de variáveis sociodemográficas no nível de acordo entre pais/cuidadores e filhos(as) quanto à utilização de MCE por parte dos jovens.

A ficha sociodemográfica e de Uso de MCE destinada aos pais/cuidadores, é constituída por questões de cariz sociodemográfico (habilitações literárias; profissão; situação profissional

e número e idade dos filhos[as]) e por questões relacionadas com a atividade digital dos jovens. A este nível os pais/cuidadores são questionados em relação ao tipo de dispositivos tecnológicos utilizados atualmente pelo(s) seu(s) filho(s) (e.g., “Atualmente que tipo de dispositivos tecnológicos o seu filho/educando utiliza, excluindo a televisão?”), sendo solicitado que os mesmos assinalem entre as várias opções apresentadas (telemóvel, computador, *tablet* ou outro) todas as que se aplicam. Para além disto é solicitado que os participantes indiquem a idade de início de utilização do primeiro dispositivo tecnológico pelo seu filho(a).

3. Questionário de Avaliação das Relações Familiares Básicas (QERFB) (Lima, Dias, Villaregut & Callea, em preparação)

O instrumento *Relaciones Familiares Básicas* (CERFB), desenvolvido por Íbanez, em 2008, visa avaliar a perceção dos pais/cuidadores face ao seu parceiro(a) e face aos seus filhos(as) (Martínez, Fernández, Puigdesens, Tejedor & Orriols, 2012). Este instrumento permitiu estudar a qualidade das relações familiares; explorar a possível influência da qualidade das relações familiares na utilização e impacto da utilização de MCE por parte dos jovens e estudar a possível influência da qualidade das relações familiares nos níveis de acordo entre pais/cuidadores e filhos(as), quanto à utilização e impacto da utilização de MCE por parte dos jovens.

A versão portuguesa (Lima et al., em preparação) do instrumento é constituída por 25 afirmações cotadas numa escala de *likert* de 1 a 5 (1 correspondente a “nunca”; 2 correspondente a “poucas vezes”; 3 correspondente a “algumas vezes”; 4 correspondente a “bastantes vezes” e 5 correspondente a “sempre”) e que avaliam dois domínios da vida dos pais/cuidadores: a parentalidade (itens 1, 2, 4, 5, 8, 13, 15, 18, 20, 21, 23) (e.g., “Sinto que o[s] meu[s] filho[s] me corresponde[m] afetivamente.”) e a conjugalidade (itens 3, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 14, 16, 17, 19, 22, 24, 25) (e.g., “O/A meu/minha companheiro[a] ajuda-me a enfrentar os problemas quotidianos”). A cotação da escala da parentalidade, que será utilizada no presente estudo, varia entre 11 e 55.

No que diz respeito às características psicométricas do instrumento, estas parecem validar a adequação desta medida de avaliação ao nosso país. Por um lado, ao nível da consistência interna encontram-se valores de *alfa* de *Cronbach* de .92 na dimensão conjugal e de .81 na dimensão parental. Por outro lado, ao nível da validade convergente e divergente o instrumento apresenta bons resultados, quando comparado com outras medidas de avaliação. Tudo isto, segundo os autores, permite confirmar a utilidade do instrumento na avaliação de

relações familiares básicas, nomeadamente ao nível das dimensões conjugal e parental (Lima et al., 2018).

No início do questionário é solicitado que os pais/cuidadores identifiquem os anos de convivência do casal (na relação atual) e o número de filhos que faz parte do seu agregado familiar. Este instrumento foi preenchido apenas pelos pais/cuidadores de jovens, uma vez que é um instrumento destinado a adultos envolvidos numa relação conjugal.

Procedimentos

Seguidamente serão descritos os procedimentos de adaptação e validação do MAF e apresentados os procedimentos de recolha, tratamento e análise de dados.

Adaptação e Validação portuguesa do Media Activity Form (MAF) - *Youth Self-Report and Parent Report* (Achenbach, 2018)

A adaptação do MAF – versão *Youth Self-Report* e versão *Parent Report* - para a população portuguesa seguiu os procedimentos orientadores para este tipo de processo (Beaton, Bombardier, Guillemin & Ferraz, 2000; Geisinger, 1994): 1) tradução; 2) revisão semântica; 3) retroversão; 4) comparação das versões de retroversão com as originais; e 5) reflexão falada.

A tradução e a retroversão das versões do MAF foram realizadas por duas nativas de língua inglesa, com domínio da língua portuguesa. O processo de revisão semântica, realizado pela equipa de investigação, conduziu à alteração da redação dos seguintes itens de forma a assegurar que estes eram inteligíveis para os participantes: no item quatro, a expressão “*indicados para adultos*” foi substituída por “*classificados para maiores de 18 anos*”; e, no item sete, as palavras *iphone* e *ipad* foram alteradas pelas palavras *telemóvel* e *tablet*, respetivamente.

O processo de retroversão conduziu à alteração da redação do item 25 “*Eu penso sobre estar nos MCE mesmo quando não estou*” para “*Mesmo quando não estou a utilizar os MCE, eu penso que queria estar a utilizá-los*”.

A reflexão falada envolveu sete participantes com as características dos públicos-alvo a que se destinam o MAF, versão criança/jovem (duas raparigas de 9 e 11 anos; três rapazes de 13, 15 e 16 anos) e versão pais/cuidadores (duas mães de 43 anos e um pai de 41 anos). A reflexão falada permitiu confirmar a adequabilidade das instruções, do conteúdo dos

questionários e dos tempos de administração (Geisinger, 1994), com indivíduos com características semelhantes às das populações-alvo.

Após os procedimentos anteriormente descritos, as versões portuguesas do MAF (crianças/jovens e pais/cuidadores) foram enviadas para o autor da versão original, para aprovação e atribuição da licença de utilização para fins de investigação (©2018 T.M. Achenbach; Reproduced under Licence #1737-06-21-18).

A análise psicométrica preliminar do instrumento consistiu na realização de uma análise fatorial. Esta análise apenas foi possível para a segunda parte do instrumento, já que na primeira parte não foram cumpridos os critérios do teste de Kaiser-Meyer-Olkin. No que diz respeito à segunda parte, esta análise permitiu a identificação de dois fatores: Perceção de Impacto positivo (Itens 14 e 19) e Perceção de Impacto negativo (Itens 15, 16, 17, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 25 e 26) face à utilização de MCE por parte dos jovens. Considerando os valores de *alfa* para a “*perceção de impacto negativo*” ($\alpha = .81$ - explica 30.05% da variância) e para a “*perceção de impacto positivo*” ($\alpha = .60$ - explica 11.5% da variância) no caso dos instrumentos preenchidos pelos jovens e no caso dos instrumentos preenchidos pelos pais/cuidadores ($\alpha = .89$ - explica 41.07% da variância; $\alpha = .55$ - explica 10.84% da variância) foi considerado apenas o fator “*perceção de impacto negativo*”, dimensão cujos valores de *alfa* se encontram acima de .70.

Recolha de Dados

A recolha de dados do presente estudo foi realizada em dois estabelecimentos de ensino secundário público. Num primeiro momento, foram solicitadas autorizações aos respetivos Conselhos de Direção de Estabelecimentos de ensino/Agrupamentos, através do envio de carta por correio eletrónico e/ ou telefonicamente. As cartas descreviam o âmbito do projeto, os seus objetivos e procedimentos de recolha de dados. Para além disto, era disponibilizada a colaboração da equipa de investigação e solicitada a participação do estabelecimento de ensino, dos seus alunos e respetivos encarregados de educação.

Cada aluno recebeu, através do estabelecimento de ensino ao qual pertence, um envelope onde se apresentavam dois protocolos de avaliação (um destinado aos pais/cuidadores e outro destinado aos jovens) e uma folha explicativa do estudo, na qual era salientado que apenas um dos pais/cuidadores deveria responder ao protocolo. Estes protocolos foram desenvolvidos no âmbito do projeto *Media Activity and Mental Health*, tendo contribuído para a recolha de dados de cada subprojecto.

O protocolo direcionado aos jovens, era composto por um formulário de Consentimento Informado; pelo *Media Activity Form-Youth Self-Report- MAF* (Achenbach, 2018), pela Ficha

Sociodemográfica e de Uso de MCE; pelo *Basic Empathy Scale* (Matias, 2012); e pelo *Mental Health Promoting Knowledge MHPK-10* (Bjørnsen, Ringdal, Espnes & Moksnes, 2017). O protocolo destinado aos pais/cuidadores, era constituído por um formulário de Consentimento Informado; pelo *Media Activity Form- Parent Report-MAF* (Achenbach, 2018); pela Ficha Sociodemográfica e de Uso de MCE e pelo Questionário de Avaliação das Relações Familiares Básicas (Lima et al., em *preparação*). A ordem em que se apresentam os instrumentos foi a ordem em que os mesmos foram administrados.

Tendo em conta os objetivos do presente estudo foram utilizados os dados recolhidos através do protocolo dos pais/cuidadores e de alguns instrumentos incluídos no protocolo dos jovens (*Media Activity Form-MAF Youth Self-Report*, [Achenbach, 2018] e Ficha Sociodemográfica e de Uso de MCE).

Os protocolos de recolha de dados (autorizados pela Monitorização de Inquéritos em Meio Escolar [MIME]) foram codificados através de um código alfanumérico constituído por 9 caracteres (e.g. AEPPUB101). Esta codificação permitiu classificar o estabelecimento de ensino em análise, a tipologia de ensino (público ou privado), bem como o número do participante (encontrando-se o jovem e o seu respetivo encarregado de educação emparelhado) garantindo-se, também, o anonimato e a confidencialidade dos dados.

Mediante a autorização dos Conselhos de Direção de cada estabelecimento de ensino/agrupamento, os protocolos, os consentimentos informados, um documento explicativo orientador para a recolha de dados e envelopes selados para a devolução dos protocolos foram enviados, por correio. No formulário de consentimento informado foi apresentada uma breve descrição do objetivo do projeto, assim como dos questionários cujo preenchimento foi solicitado. Neste documento foi ainda assegurado o anonimato e confidencialidade dos dados, assim como o direito de desistência em qualquer momento da investigação. No caso dos jovens menores de idade este documento foi também assinado pelos seus encarregados de educação.

Em cada Estabelecimento de ensino, um Professor, habitualmente o Diretor de Turma, centralizou a recolha dos dados.

Os protocolos enviados, entre a primeira e a segunda semana do mês de março de 2019, aos diferentes estabelecimentos de ensino, foram devolvidos por correio e rececionados na Universidade Católica Portuguesa (Porto), cerca de um mês depois. Durante este período de tempo, a equipa de investigação dedicou-se à construção e desenvolvimento da Base de Dados. Os dados recolhidos foram inseridos pelos três investigadores juniores, num período de três semanas.

Tratamento de Dados

1. Variáveis Sociodemográficas: Profissão de Pais/Cuidadores

De forma a caracterizar a profissão de pais/cuidadores optou-se por recodificar as respostas destes participantes, classificando-as de acordo com as cinco categorias do Índice de *Graffar* (Amaro, 1990).

2. MAF (Achenbach, 2018)

Para a primeira parte do MAF foram levados a cabo os seguintes procedimentos (idênticos no caso de jovens e no caso dos seus pais/cuidadores):

- a) Os valores assinalados pelos participantes com “0” tempo de utilização foram recodificados pelo código correspondente a *missing* (“-9”).
- b) Não foram considerados para as análises, os dados recolhidos através do item 13, aspeto que se encontra relacionado com a diminuta taxa de resposta a este item, tanto de jovens (N= 7), como de pais/cuidadores (N= 1).
- c) Foi realizada a média total de utilização de meios de comunicação eletrónicos (em horas e minutos) nas várias dimensões avaliadas pelo instrumento (dia típico de semana; sábado típico; domingo típico).
- d) A análise de cada item foi realizada através do cálculo da média.
- e) No que diz respeito às diferenças ao nível de relatos de pais/cuidadores e filhos estas foram analisadas tendo sido necessário transformar os valores negativos para valores positivos.

Para a segunda parte do MAF foram realizados os seguintes procedimentos (idênticos no caso de jovens e no caso dos seus pais/cuidadores):

- a) Para cada um dos participantes, foi realizada a média da “perceção do impacto negativo”, tendo em conta os itens que constituem essa variável. Esta variável foi a utilizada para fins de análise de dados.
- b) No que diz respeito às diferenças ao nível de relatos de pais/cuidadores e filhos foi calculada a *Q-Correlation* dos itens relativos à perceção de impacto negativo, cruzando os dados dos jovens com os dos pais/cuidadores.

3. QERFB (Lima et al., em preparação)

Tendo em consideração as características do instrumento QERFB (Lima et al., *em preparação*) tornou-se necessário recodificar os itens invertidos (itens 1, 2, 4, 6, 7, 9, 10, 14, 15, 18, 21, 22, 23 e 24). Realizada esta recodificação foi realizado o somatório dos itens relativos apenas à dimensão da parentalidade.

Análise de Dados

Tendo em conta que foi adotada uma metodologia quantitativa (Counsell, Cribbie & Harlow, 2016; Long, 2014) e que se trata de um estudo correlacional (Almeida & Freire, 2017; Walliman, 2011), os dados foram analisados com recurso a medidas de estatística descritiva e de estatística inferencial (Martins, 2011). Ao nível da estatística descritiva foram utilizadas medidas de tendência central e de dispersão para variáveis nominais (Moda e Frequências) e para variáveis intervalares (Média e Desvio-padrão). Estas medidas foram utilizadas para caracterizar a amostra, para descrever a utilização de MCE por parte dos jovens e para caracterizar o nível de acordo entre os participantes quanto à utilização e impacto associado à utilização de MCE por parte dos jovens. No que diz respeito à estatística inferencial foram levados a cabo Testes de Associação e Testes de Diferenças. No que diz respeito aos Testes de Diferenças foram utilizados o Teste T para Amostras Independentes (*t test for independent samples, t*); a Análise de Variância [ANOVA] Unifactorial (*One-way Analysis of Variance, F*), o Teste de *Kruskal-Wallis (Kruskall-Wallis Test, X²)* para analisar diferenças no nível de acordo, em função de variáveis sociodemográficas dos participantes. Ao nível dos Testes de Associação o Coeficiente de Correlação de *Pearson (Pearson Correlation Coefficient, r)* foi utilizado para analisar a associação entre a qualidade das relações parentais e a utilização e impacto de MCE e para analisar a associação entre a qualidade das relações parentais e o nível de acordo entre pais e filhos.

O tratamento de dados foi realizado com recurso ao programa informático *IBM SPSS Statistics 24.0*.

Apresentação de Resultados

Os resultados do presente estudo encontram-se organizados de acordo com os objetivos específicos definidos.

Nível de acordo entre pais/cuidadores e filhos quanto à utilização e impacto da utilização de MCE por parte dos jovens

No que diz respeito à utilização de MCE, os relatos de pais/cuidadores e de jovens apresentaram diferenças ao nível do tempo que os jovens despendem na maioria das atividades avaliadas (*Tabela 1*). Estas diferenças variam entre uma hora e 16 minutos e zero sendo que a maior diz respeito ao item cinco (“*Participar em redes sociais no Facebook, Instagram, etc.*”) e a menor ao item 12 (“*Fazer apostas online*”).

Relativamente à perceção de impacto negativo face à utilização de MCE por parte dos jovens o nível de acordo médio entre pais/cuidadores e filhos é de .39 ($DP = .42$).

Tabela 1: Nível médio de acordo entre pais e filhos face à utilização de MCE por parte dos jovens

	N	Mínimo	Máximo	Média	DP
Diferenças Relatos: Item 1 (<i>Comunicação</i>)	126	0:00	11:28	1:10	1:43
Diferenças Relatos: Item 2 (<i>CONT. YouTube; Blogs</i>)	133	0:00	7:00	0:12	0:46
Diferenças Relatos: Item 3 (<i>Música</i>)	132	0:00	9:39	1:15	1:43
Diferenças Relatos: Item 4 (<i>Videojogos 18+</i>)	135	0:00	11:42	0:19	1:12
Diferenças Relatos: Item 5 (<i>Redes Sociais</i>)	127	0:00	9:20	1:16	1:46
Diferenças Relatos: Item 6 (<i>Falar nos MCE</i>)	126	0:00	7:00	0:53	1:22
Diferenças Relatos: Item 7 (<i>Jogos Eletrónicos nos MCE</i>)	134	0:00	6:20	0:37	1:05
Diferenças Relatos: Item 8 (<i>Tarefas Escolares</i>)	128	0:00	15:16	0:58	1:53
Diferenças Relatos: Item 9 (<i>Websites p/ INF. ou DIV.</i>)	115	0:00	9:50	0:38	1:07
Diferenças Relatos: Item 10 (<i>Filmes e PROG. TV</i>)	131	0:00	6:20	0:50	1:00
Diferenças Relatos: Item 11 (<i>Vídeos YouTube</i>)	129	0:00	9:00	1:02	1:40
Diferenças Relatos: Item 12 (<i>Apostas Online</i>)	146	0:00	0:20	0:00	0:01

CONT, Conteúdos; INF., Informação; DIV., Diversão; PROG. TV, Programas de Televisão

Associação entre variáveis sociodemográficas de pais/cuidadores e filhos, e o nível de acordo entre pais/cuidadores e filhos, quanto à utilização e impacto da utilização de MCE por parte dos jovens

No que diz respeito aos jovens foram analisadas duas variáveis: o sexo e a área de estudos. Com relação aos pais/cuidadores foram analisadas quatro variáveis: sexo; estado civil; habilitações literárias e profissão.

No que diz respeito às variáveis sociodemográficas dos jovens e, quando analisado o nível médio de acordo, foram encontradas diferenças apenas em função da área de estudos e apenas no que diz respeito à utilização de MCE. Esta diferença (*Tabela 2*) foi encontrada entre as áreas de Ciências e Tecnologias e de Línguas e Humanidades, tendo sido verificadas maiores diferenças nos níveis de acordo, em jovens de Línguas e Humanidades (*Tabela 3*). Quando analisado o nível de acordo em cada um dos itens que constituem a primeira parte do MAF (referente à utilização de MCE por parte dos jovens) foram encontradas diferenças nos itens quatro (“*Jogar videogames indicados para adultos*”) (*Tabela 4*) e sete (“*Jogar jogos eletrônicos no computador, telemóvel, tablet, Xbox, PlayStation*”) (*Tabela 5*), em função do sexo dos jovens, sendo que os rapazes apresentam maiores níveis de diferenças relativamente aos pais.

Relativamente aos pais/cuidadores e, quando analisado o nível médio de acordo face à utilização não foram encontradas diferenças em função de nenhuma das variáveis sociodemográficas analisadas. No entanto, quando analisado o nível de acordo em cada um dos itens que constituem a primeira parte do MAF, foram encontradas diferenças no item cinco (“*Participar em redes sociais no Facebook, Instagram, etc.*”) e no item nove (“*Visitar websites para informação ou diversão*”) (*Tabela 6 e 7*), em função do estado civil dos pais/cuidadores⁵. No que diz respeito ao item cinco os participantes que se encontram casados ou em união de facto são os que apresentam maiores níveis de diferenças, enquanto que no item nove são os participantes que não se encontram casados que apresentam maiores níveis de diferenças. Para além disto foram encontradas ainda diferenças no item quatro (“*Jogar videogames indicados para adultos*”) (*Tabela 9*) em função das habilitações literárias, sendo que os participantes com o ensino básico são os que apresentam maiores níveis de diferenças com os filhos.

⁵ Para a realização desta análise os participantes foram agrupados entre os que se encontram casados (Casados/União de Facto) e os que não se encontram casados (Solteiros; Divorciados/Separação de Facto e Viúvos).

Quando analisado o nível de acordo face à percepção de impacto negativo foi apenas encontrada uma diferença marginalmente significativa (*Tabela 8*), entre esta dimensão, em função do estado civil dos pais/cuidadores⁶.

Tabela 2: Diferenças no nível de acordo de pais/cuidadores e filhos face à utilização de MCE por parte dos jovens, em função da área de estudo dos jovens

Acordo entre pais/cuidadores e filhos face à utilização de MCE por parte dos jovens				
	CT	CSE	LH	
	(n= 64)	(n= 17)	(n= 53)	
	<i>Média (DP)</i>	<i>Média (DP)</i>	<i>Média (DP)</i>	<i>F (2,131)</i>
Acordo pais-filho face à utilização	0:37 (0:34)	0:33 (0:32)	1:09 (1:31)	4.28*

CT, Ciências e Tecnologias; CSE, Ciências Socioeconómicas; LH, Línguas e Humanidades

* $p < .05$

Tabela 3: Apresentação dos Resultados Relativos ao Teste Post-Hoc de Gabriel

Acordo entre pais/cuidadores e filhos face à utilização de MCE por parte dos jovens			
	CT	CT	CSE
	vs	vs	vs
	CSE	LH	LH
Acordo pais-filhos face à utilização	<i>ns</i>	LH > CT*	<i>ns</i>

CT, Ciências e Tecnologias; CSE, Ciências Socioeconómicas; LH, Línguas e Humanidades

* $p < .05$

Tabela 4: Diferenças no nível de acordo de pais/cuidadores e filhos face à atividade avaliada pelo item quatro, em função do sexo dos jovens

	Feminino	Masculino	
	(n= 97)	(n=38)	
	<i>Média (DP)</i>	<i>Média (DP)</i>	<i>t (37,122)</i>
Acordo pais-filhos:	0:01 (0:08)	1:04 (2:06)	3.06*
Item 4 (Videojogos 18+)			

* $p < .05$

⁶ Para a realização desta análise os participantes foram agrupados entre os que se encontram casados (Casados/União de Facto) e os que não se encontram casados (Solteiros; Divorciados/Separação de Facto e Viúvos).

Tabela 5: Diferenças no nível de acordo de pais/cuidadores e filhos face à atividade avaliada pelo item sete, em função do sexo dos jovens

		Feminino	Masculino	
		(n= 93)	(n=41)	
		<i>Média (DP)</i>	<i>Média (DP)</i>	<i>t (52,115)</i>
Acordo pais-filhos:	Item 7 (Jogos Eletrónicos nos MCE)	0:26 (0:50)	1:01 (1:27)	2.40*

* $p < .05$

Tabela 6: Diferenças no nível de acordo de pais/cuidadores e filhos face às atividades avaliadas pelo item cinco, em função do estado civil

		Casados	Não Casados	
		(n=96)	(n= 31)	
		<i>Média (DP)</i>	<i>Média (DP)</i>	<i>t (112.02)</i>
Acordo pais-filhos:	Item 5 (Redes Sociais)	1:26 (1:56)	0:46 (0:52)	2.63*

* $p < .05$

Tabela 7: Diferenças no nível de acordo de pais/cuidadores e filhos face às atividades avaliadas pelo item nove, em função do estado civil

		Casados	Não Casados	
		(n=89)	(n= 26)	
		<i>Média (DP)</i>	<i>Média (DP)</i>	<i>t (44.37)</i>
Acordo pais-filhos:	Item 9 (Websites p/ INF. ou DIV.)	0:31 (1:07)	1:01 (1:01)	2.16*

* $p < .05$

Tabela 8: Diferenças no nível de acordo de pais/cuidadores e filhos face à percepção de impacto de utilização de MCE por parte dos jovens, em função do estado civil

		Casados	Não Casados	
		(n=109)	(n= 27)	
		Média (DP)	Média (DP)	t (37.71)
Acordo pais-filhos:		.42 (.41)	.26 (.45)	1.69 [†]
Impacto Negativo				

[†] p<1.0

Tabela 9: Diferenças no nível de acordo de pais/cuidadores e filhos face à atividade avaliada pelo item quatro, em função das habilitações literárias

Acordo entre pais/cuidadores e filhos face à utilização de MCE por parte dos jovens					
		Ensino Básico	Ensino Secundário	Ensino Superior	
		(n= 30)	(n= 53)	(n= 52)	
		Média (DP)	Média (DP)	Média (DP)	F (2,132)
Acordo pais-filhos: Item 4		0:49 (2:20)	0:11 (0:34)	0:10 (0:26)	3.39*
<i>(Videojogos 18+)</i>					

* p<.05

Associação entre a qualidade da relação parental, percebida pelos pais/cuidadores e a utilização dos MCE por parte dos jovens e seu impacto

No que diz respeito às respostas dos jovens (*Tabela 10*) não se verificou uma correlação significativa entre a qualidade das relações parentais e a utilização dos MCE por parte dos jovens. Não obstante, as correlações entre a qualidade da relação parental e a utilização de MCE por parte dos jovens num sábado típico e num domingo típico são marginalmente significativas ($p=.071$; $p=.054$). Para além disto, verifica-se uma correlação negativa entre a percepção de impacto negativo do uso dos MCE e a qualidade da relação parental, i.e., quanto melhor a qualidade da relação parental, menor a percepção de impacto negativo reportada pelos jovens.

Relativamente às respostas de pais/cuidadores (*Tabela 11*) verifica-se uma correlação negativa entre a utilização e percepção de impacto da utilização de MCE por parte dos jovens e a qualidade da relação parental, i.e., quanto melhor a qualidade da relação parental, menores os níveis de utilização de MCE (por parte dos jovens) reportados por pais/cuidadores e menor a sua percepção de impacto associado a esta utilização.

Tabela 10: Coeficientes de Correlação (Correlação de Pearson) entre a qualidade da relação parental, percebida pelos pais, e os relatos de utilização e impacto de utilização dos MCE por parte de jovens

	QRP	ImpactoJ	UT.Sem.J	UT. Sáb.J	UT. Dom.J
QRP					
ImpactoJ	-.242**				
UT. Sem.J	-.115	.188*			
UT. Sáb.J	-.164†	.216**	.801**		
UT. Dom.J	-.175†	.210**	.775**	.934**	

QRP, Qualidade da Relação Parental; J, jovens

** $p < .01$

* $p < .05$

† $p < 1.0$

Tabela 11: Coeficientes de Correlação (Correlação de Pearson) entre a qualidade da relação parental, percebida pelos pais, e os relatos de pais/cuidadores acerca da utilização e impacto de utilização dos MCE por parte de jovens

	QRP	ImpactoP	UT.Sem.P	UT. Sáb.P	UT. Dom.P
QRP					
ImpactoP	-.611**				
UT. Sem.P	-.228*	.201*			
UT. Sáb.P	-.264**	.231**	.773**		
UT. Dom.P	-.243**	.249**	.730**	.948**	

QRP, Qualidade da Relação Parental; P, pais

** $p < .01$

* $p < .05$

Associação entre a qualidade da relação parental e o nível de acordo entre pais/cuidadores e filhos quanto à utilização e impacto da utilização de MCE por parte dos jovens

No que diz respeito à utilização de MCE, não foram encontradas relações estatisticamente significativas entre a qualidade das relações parentais e o nível de acordo entre pais/cuidadores e filhos face à utilização de MCE por parte dos jovens, com exceção do item sete (“Jogar jogos eletrônicos no computador, telemóvel, tablet, Xbox, Play Station, etc”). Com relação a este item, foi encontrada uma correlação negativa entre esta dimensão e a qualidade das relações parentais (Tabela 12), i.e., quanto melhor a qualidade da relação parental menores as diferenças nos relatos associados à realização das atividades avaliadas pelo item sete.

Relativamente à percepção de impacto negativo foi encontrada uma correlação positiva entre o nível de acordo pais-filhos e a qualidade da relação parental (Tabela 12), i.e., quanto melhor a qualidade da relação parental, maior o nível de acordo entre pais e filhos relativamente à percepção de impacto associado à utilização de MCE por parte dos jovens.

Tabela 12: Coeficientes de Correlação (Correlação de Pearson) entre a qualidade da relação parental, percebida pelos pais e o nível de acordo entre pais/cuidadores e filhos quanto à utilização e impacto da utilização de MCE por parte dos jovens

	QRP
Acordo pais-filhos: Item 1 (Comunicação)	-.087
Acordo pais-filhos: Item 2 (CONT. YouTube; Blogs)	-.106
Acordo pais-filhos: Item 3 (Música)	-.093
Acordo pais-filhos: Item 4 (Videojogos 18+)	.011
Acordo pais-filhos: Item 5 (Redes Sociais)	-.074
Acordo pais-filhos: Item 6 (Falar nos MCE)	-.026
Acordo pais-filhos: Item 7 (Jogos Eletrônicos nos MCE)	-.226*
Acordo pais-filhos: Item 8 (Tarefas Escolares)	-.076
Acordo pais-filhos: Item 9 (Websites p/ INF. ou DIV.)	-.078
Acordo pais-filhos: Item 10 (Filmes e PROG. TV)	-.195
Acordo pais-filhos: Item 11 (Vídeos YouTube)	-.154
Acordo pais-filhos: Item 12 (Apostas Online)	, ^b
Acordo pais-filhos: Impacto Negativo	.223*

CONT, Conteúdos; INF., Informação; DIV., Diversão; PROG. TV, Programas de Televisão; QRP, Qualidade da Relação Parental

* $p < .05$

Discussão de Resultados

A utilização de MCE por parte dos jovens tem sido amplamente estudada ao nível da literatura, sendo que as figuras parentais são identificadas como podendo assumir um papel crucial na proteção dos jovens face aos riscos e desvantagens associados a esta utilização. Perante a escassa evidência empírica acerca do papel da qualidade das relações familiares na

capacidade de pais/cuidadores de proteção dos jovens, o presente estudo, que envolveu um total de 163 jovens e os seus respetivos pais/cuidadores e que se define como exploratório, teve como objetivo geral explorar o papel da qualidade das relações familiares no conhecimento parental do uso de MCE por parte de um grupo de jovens. Este objetivo foi alcançado através da análise de relatos de jovens e dos seus pais/cuidadores face à utilização e perceção de impacto negativo associado à utilização de MCE por parte dos jovens. Estes relatos foram comparados entre si e associados, a variáveis sociodemográficas dos participantes e à qualidade das relações parentais, percebida por pais/cuidadores.

A quase totalidade dos jovens que constituíam a amostra deste estudo afirmou fazer uso de dispositivos tecnológicos, tais como o telemóvel ou o computador, perfil este já retratado ao nível da literatura (Amaral et al., 2017; Carvalho et al., 2017; Gani, 2017; PORDATA, 2018a, b, c; Simões et al., 2014).

Os dados do presente estudo revelaram existir diferenças, nos relatos de pais/cuidadores e filhos face ao tempo que os jovens despendem em cada uma das atividades avaliadas, aspeto este que poderá ser lido à luz das conclusões reportadas em vários estudos. O presente estudo é constituído por jovens com idades compreendidas entre os 15 e os 18 anos de idade, faixas etárias nas quais se verifica uma maior necessidade de privacidade (Simões et al., 2014) e em que o uso dos MCE começa a ser cada vez mais autónomo. Quando analisada a atividade digital onde se verificaram maiores níveis de diferenças, os resultados remetem-nos para a utilização de Redes Sociais, aspeto que poderá ser lido pela facilidade e rapidez de acesso que se torna contínuo e, por isso, difícil de contabilizar. Para além disto, trata-se de uma das atividades mais realizadas pelos jovens hoje em dia (Ponte & Batista, 2019; Simões et al., 2014), cumprindo propósitos de lazer, mas também académicos, por exemplo. O sentido destas diferenças, tal como o nível de acordo entre pais/cuidadores e filhos face ao impacto negativo associado à utilização de MCE torna-se difícil de interpretar já que, tratando-se de um instrumento ainda não aferido para a população portuguesa, não se encontram ainda disponíveis valores que permitam uma comparação.

Quando analisado o nível médio de acordo entre pais/cuidadores e filhos, em função de variáveis sociodemográficas dos jovens, foram encontradas diferenças apenas em função da área de estudos destes participantes e apenas no que diz respeito à utilização de MCE. A este nível foram os jovens que frequentam o curso de Línguas e Humanidades os que apresentaram

maiores níveis de diferenças. A carência de estudos que explore a associação entre estas variáveis remete para a importância de estudos futuros que permitam a exploração e a compreensão desta associação. Para além disto e, quando realizada a análise por itens, foram encontradas maiores diferenças nos relatos de pais/cuidadores e filhos em relação a atividades relacionadas com o jogo eletrónico, nos jovens do sexo masculino. A este nível sabe-se que esta atividade é predominantemente realizada por rapazes (Ponte & Batista, 2019), o que poderá facilitar a interpretação destas diferenças. Ao ser uma atividade pouco realizada pelas raparigas os seus pais/cuidadores poderão ter uma perceção mais precisa acerca do tempo que é despendido nestas atividades, tarefa que fica dificultada para os pais/cuidadores de jovens do sexo masculino.

Quando analisadas variáveis sociodemográficas de pais/cuidadores não foram encontradas diferenças no nível médio de acordo, mas sim em alguns dos itens que constituem o instrumento. A este nível foram encontradas diferenças no item cinco (relacionado com a utilização de Redes Sociais) e no item nove (relacionado com a utilização de *websites* para informação ou diversão), em função do estado civil, embora o sentido destas diferenças seja o oposto. Se por um lado no item cinco são os pais/cuidadores que se encontram casados que apresentam maiores níveis de diferenças, por outro lado, no item nove, os maiores níveis de diferenças dizem respeito aos pais/cuidadores que não se encontram casados. O sentido oposto destas diferenças e a carência de literatura que as permita interpretar reforça a necessidade de estudos futuros que explorem a associação entre os relatos de pais-filhos e variáveis sociodemográficas. Para além disto e ainda no que diz respeito ao acordo face à utilização de MCE por parte dos jovens, foram também encontradas diferenças no item quatro (relacionado com a utilização de *Videojogos* indicados para adultos), sendo que os maiores níveis de diferenças foram encontrados em pais/cuidadores com o ensino básico. A este nível sabe-se que maiores níveis de conhecimento digital por parte dos pais/cuidadores poderão estar associados a maiores níveis de participação (Brito et al., 2017), aspeto que, em consequência, poderá estar associado a menores níveis de diferenças e que poderá ajudar a explicar as diferenças encontradas em função das habilitações literárias. Não obstante e, tal como mencionado, estudos futuros poderão ajudar a explicar estas diferenças. Por fim foram ainda encontradas diferenças marginalmente significativas no acordo face à perceção de impacto negativo, em função do estado civil dos pais/cuidadores. Uma vez mais a carência de estudos que permita interpretar estas diferenças reforça a pertinência de estudos futuros.

Quando analisada a qualidade da relação parental e o os relatos de pais/cuidadores e filhos (face à utilização e percepção de impacto da utilização de MCE) verificou-se que quanto melhor a qualidade da relação parental, menor a percepção de pais/cuidadores e filhos de impacto negativo associado à utilização de MCE por parte dos jovens. Estes resultados vão ao encontro de estudos que apontam o envolvimento parental como um fator de proteção (Ponte & Batista, 2019) contra as desvantagens e riscos associados à atividade digital dos jovens. A este nível uma melhor relação parental poderá contribuir para maiores níveis de partilha e, conseqüentemente, para uma maior capacidade de pais/cuidadores lidarem com os aspetos negativos do mundo digital (Symons et al., 2017a). Para além disto, verifica-se ainda que, quanto melhor a qualidade da relação parental, menores os relatos dos pais/cuidadores de utilização de MCE por parte dos jovens. A este nível e no que diz respeito aos relatos dos jovens verificaram-se resultados marginalmente significativos entre a qualidade da relação parental e a utilização de MCE ao fim-de-semana, salientando-se uma vez mais a importância de estudos futuros que permitam explorar esta associação. Estes resultados poderão remeter-nos para o reportado por Valdemoros-San-Emeterio e colaboradores (2017) que indicam que menores níveis de utilização estão associados a um melhor funcionamento familiar. A este nível e no que diz respeito ao presente estudo os resultados apontam para a possibilidade de a percepção de pais/cuidadores de menores níveis de uso dos MCE por parte dos jovens poder estar relacionada com um melhor funcionamento familiar.

Os resultados do presente estudo remetem-nos ainda para a associação entre a qualidade da relação parental e o nível de acordo entre pais/cuidadores e filhos, tendo-se verificado que, quanto melhor a qualidade da relação parental, maior o grau de acordo entre os participantes face à percepção de impacto negativo associado à utilização de MCE. Neste sentido, estes resultados apontam para a possibilidade de melhores relações parentais, poderem estar associadas a maior partilha e debate entre pais/cuidadores e filhos e, conseqüentemente, a maiores níveis de acordo.

Conclusões

Os resultados do presente estudo apontam para a possibilidade de a qualidade das relações parentais se encontrar associada à percepção de impacto negativo que jovens e pais/cuidadores associam à utilização de MCE. Os resultados encontrados indicam que quanto melhor a qualidade das relações parentais, menor a percepção de pais/cuidadores e filhos de

impacto negativo da utilização de MCE por parte dos jovens e maior o seu nível de acordo acerca desta dimensão.

Estes aspetos parecem reforçar a importância que a qualidade das relações parentais poderá exercer no papel que as *figuras parentais* assumem na utilização que os jovens fazem dos MCE, já que uma melhor relação poderá estar associada a maiores níveis de partilha e de debate e, conseqüentemente, a uma maior capacidade para fazer frente aos riscos ou às desvantagens dos MCE. Não obstante, torna-se também relevante refletir acerca da possibilidade de relações positivas não implicarem total conhecimento por parte dos pais, nomeadamente em fases desenvolvimento em que a privacidade começa a assumir um papel cada mais relevante na vida dos jovens. Tudo isto poderá ajudar-nos a refletir acerca da possibilidade de não ser primordial um total conhecimento por parte de pais/cuidadores, mas sim relações parentais que medeiam a partilha dos jovens e, conseqüentemente a capacidade de proteção dos pais/cuidadores.

Este estudo contribuiu para a validação e adaptação de um instrumento (MAF) que visa avaliar a utilização e o impacto da utilização de MCE por parte dos jovens. Tratando-se de um estudo exploratório, a amostra recolhida não se pode considerar representativa da população-portuguesa, aspeto que deve ser considerado aquando da generalização dos resultados.

Estudos futuros poderão aprofundar as associações exploradas no presente estudo com amostras representativas e com faixas etárias mais alargadas (já que o papel que pais/cuidadores assumem na utilização que crianças e jovens fazem dos MCE varia conforme a sua faixa etária [Ponte & Batista, 2019; Simões et al., 2014]). Para além disto poderá ser relevante o enquadramento de estatísticas de utilização dos jovens dos MCE que, ao serem mais precisas poderão ser úteis para efeitos de comparação de relatos. Por fim, e com vista a compreender o papel da qualidade das relações parentais na partilha acerca das atividades digitais dos jovens e na probabilidade de estes reportarem situações que os incomodam, poderá ser relevante aceder às perceções que os próprios jovens detêm relativamente ao papel que assume a qualidade das relações parentais.

Os estudos que explorem o papel que a qualidade das relações parentais poderá exercer na utilização que os jovens fazem dos MCE e na capacidade de proteção dos pais poderão facilitar a compreensão da importância inerente à qualidade deste tipo de relações familiares. A nível prático esta compreensão poderá alertar as comunidades, os investigadores e os pais/cuidadores para a importância do desenvolvimento de relações parentais de qualidade. Estas poderão servir como base para a partilha entre os jovens e as *figuras parentais* e, em consequência, influenciar a capacidade de proteção de pais/cuidadores, reconhecendo-se que

estes poderão ter um papel relevante na promoção e desenvolvimento de um uso saudável das ferramentas tecnológicas.

Referências bibliográficas

Achenbach, T. (2018). *Media Activity Form*. Manuscrito não publicado.

Almeida, L. S., & Freire, T. (2017). *Metodologia da Investigação em Psicologia e Educação*. (5ª ed.). Braga: Psiquilibrios.

Amaral, I., Reis, B., Lopes, P., & Quintas, C. (2017). Práticas e consumos dos jovens portugueses em ambientes digitais. *Estudos em Comunicação*, 24, 107-131.

Amaro, F. (1990). *Escala de Graffar Adaptada*. In: Costa, Ana Ma Bénard e tal. (1996). *Currículos Funcionais*. Lisboa: IIE, Vol.II.

Ballarotto, G., Volpi, B., Marzilli, E., & Tambelli, R. (2018). Adolescent Internet Abuse: A Study on the Role of Attachment to Parents and Peers in a Large Community Sample. *BioMed Research International*.

Beaton, D. E., Bombardier, C., Guillemin, F., & Ferraz, M. B. (2000). Guidelines for the Process of Cross-Cultural Adaptation of Self-Report Measures. *SPINE*, 25(24), 3186-3191.

Bleakley, A., Ellithorpe, M., & Romer, D. (2016). The role of parents in problematic internet use among US adolescents. *Media and Communication*, 4(3), 24-34.

Brito, R., Francisco, R., Dias, P., & Chaudron, S. (2017). Family dynamics in digital homes: The role played by parental mediation in young children's digital practices around 14 European countries. *Contemporary Family Therapy*, 39(4), 271-280.

Bjørnsen, H. N., Ringdal, R., Espnes, G. A., & Moksnes, U. K. (2017). Positive mental health literacy: development and validation of a measure among Norwegian adolescents. *BMC public health*, 17(1), 717-726.

Carvalho, J., Francisco, R., & Relvas, A. P. (2015). Family functioning and information and communication technologies: How do they relate? A literature review. *Computers in Human Behavior*, 45, 99-108.

Carvalho, J., Francisco, R., & Relvas, A. P. (2017). ICTs and Family Functioning: A Study on Portuguese Families with Adolescents and Emerging Adults. *Contemporary Family Therapy*, 39(4), 281-288.

Chandrasekaran, V., Kamath, V. G., Ashok, L., Kamath, A., Hegde, A. P., & Devaramane, V. (2017). Role of Micro-and Mesosystems in Shaping an Adolescent. *Journal of Nepal Paediatric Society*, 37(2), 178-183.

Clipa, O., Colomeischi, A. A., Schipor, D. M., & Cramariuc, G. (2014). Students perceptions upon ICT in university training process. In *The International Scientific Conference eLearning and software for Education* (Vol. 3, pp. 109-114). “Carol I” National Defence University.

Counsell, A., Cribbie, R. A., & Harlow, L. (2016). Increasing literacy in quantitative methods: The key to the future of Canadian psychology. *Canadian Psychology/Psychologie canadienne*, 57(3), 193-201.

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas Universidade Nova de Lisboa. (2006). *EU KIDS ONLINE PORTUGAL*. Disponível em: <http://www.fcsh.unl.pt/eukidsonline/projeto/>.

Frenette, M., & Vermette, M. F. (2013). Os jovens adultos e a esfera pública digital: uma perspectiva intercultural. *Comunicação e Sociedade*, 23, 14-35.

Gani, S. A. (2017). Parenting Digital Natives: Cognitive, Emotional, and Social Developmental Challenges. In *International Conference on Education* (pp. 870-880).

Geisinger, K. F. (1994). Cross-Cultural Normative Assessment: Translation and Adaptation Issues Influencing the Normative Interpretation of Assessment Instruments. *Psychological assessment*, 6(4), 304-312.

Giménez, A. M., Luengo, J. A., & Bartrina, M. (2017). What are young people doing on Internet? Use of ICT, parental supervision strategies and exposure to risks. *Electronic Journal of Research in Educational Psychology*, 15(3), 533-552.

Haddon, L. (2012). Parental mediation of internet use: Evaluating family relationships. *Generational use of new media*, 1-29.

Haddon, L. (2015). Children's critical evaluation of parental mediation. *Cyberpsychology: Journal of Psychosocial Research on Cyberspace*, 9(1).

Harutyunyan, P., Moldoveanu, A., Moldoveanu, F., & Asavei, V. (2015). Health-related impact, advantages and disadvantages of ICT use in education, compared to their absence in the past. In *The International Scientific Conference eLearning and Software for Education* (Vol. 1, pp. 557-563). "Carol I" National Defence University.

Instituto Nacional de Estatística. (2016). *Sociedade da Informação e do Conhecimento: Inquérito à Utilização de Tecnologias da Informação e da Comunicação pelas Famílias*. Disponível via Instituto Nacional de Estatística.

Instituto Nacional de Estatística (INE). (2017). *Proporção de indivíduos com idade entre 16 e 74 anos que utilizam Internet nos primeiros 3 meses do ano (%) por Tipo de actividades efectuadas na Internet (acesso a informação e uso de serviços online)*. Disponível em: https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&indOcorrCod=0006678&contexto=bd&selTab=tab2 .

Kerr, M., Stattin, H., & Burk, W. J. (2010). A Reinterpretation of Parental Monitoring in Longitudinal Perspective. *Journal of Research on Adolescence*, 20(1), 39-64.

Ko, C. H., Yen, J. Y., Chen, C. C., Chen, S. H., Wu, K., & Yen, C. F. (2006). Tridimensional personality of adolescents with internet addiction and substance use experience. *The Canadian Journal of Psychiatry*, 51(14), 887-894.

Kurek, A., Jose, P. E., & Stuart, J. (2017). Discovering unique profiles of adolescent information and communication technology (ICT) use: Are ICT use preferences associated with identity and behaviour development?. *Cyberpsychology: Journal of Psychosocial Research on Cyberspace*, 11(4), 1-18.

Lee, S. J. (2012). Parental restrictive mediation of children's internet use: Effective for what and for whom?. *New Media & Society*, 15(4), 466-481.

Lee, S. J., & Chae, Y. G. (2012). Balancing participation and risks in children's internet use: The role of internet literacy and parental mediation. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 15(5), 257-262.

Lima, V. S., Dias, P., Villaregut, A., & Callea, A. (em preparação). Psychometric properties and factorial structure of the CERFB in Portugal.

Livingstone, S., Hasebrink, U. & Görzig, A. (2012). Towards a general model of determinants of risks and safety. In S. Livingstone, L. Haddon, & A. Görzig (eds) *Children, risk and safety on the internet* (pp. 323-339). Bristol: Policy Press.

Livingstone, S., & Helsper, E. J. (2008). Parental mediation of children's internet use. *Journal of broadcasting & electronic media*, 52(4), 581-599.

Livingstone, S., Blum-Ross, A., & Pavlick, J. (2018). *In the digital home, how do parents support their children and who supports them?*. Disponível em: <https://blogs.lse.ac.uk/parenting4digitalfuture/2018/02/06/in-the-digital-home/>.

Long, H. (2014). An empirical review of research methodologies and methods in creativity studies (2003–2012). *Creativity Research Journal*, 26(4), 427-438.

Martínez, N., Fernández, J. L., Puigdesens, A., Tejedor, C., & Orriols, M. (2012). Propiedades Psicométricas del Cuestionario de Evaluación de las Relaciones Familiares Básicas (CERFB). *Psicothema*, 24(3), 489-494.

Martins, C. (2011). *Manual de Análise de Dados Quantitativos com recurso ao IBM SPSS*. Braga: Psiquilíbrios.

Matias, M. S. (2012). *A Avaliação da Empatia na Adolescência: Estudos de validação da versão portuguesa da "Basic Empathy Scale"*. (Dissertação de Mestrado). Faculdade de

Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal. Disponível em [Repositório científico da UC].

Mehroof, M., & Griffiths, M. D. (2010). Online gaming addiction: the role of sensation seeking, self-control, neuroticism, aggression, state anxiety, and trait anxiety. *Cyberpsychology, behavior, and social networking*, 13(3), 313-316.

Mesch, G. S. (2009). Parental mediation, online activities, and cyberbullying. *CyberPsychology & Behavior*, 12(4), 387-393.

Net Children Go Mobile (2013). *Net Children Go Mobile: The Project*. Disponível em: <http://netchildrengomobile.eu/>.

Ponte, C., & Batista, S. (2019). *EU Kids Online Portugal: Usos, Competências, Riscos e Mediações da Internet Reportados por Crianças e Jovens (9-17 anos)*. EU Kids Online. Disponível em: <http://fabricadesites.fcsh.unl.pt/eukidsonline/documentos/>.

PORDATA. (2018a). *Agregados domésticos privados com computador, com ligação à Internet e com ligação à Internet através de banda larga (%)*. Disponível em: [https://www.pordata.pt/Portugal/Agregados+dom%C3%A9sticos+privados+com+computador++com+liga%C3%A7%C3%A3o+%C3%A0+Internet+e+com+liga%C3%A7%C3%A3o+%C3%A0+Internet+atrav%C3%A9s+de+banda+larga+\(percentagem\)-1158](https://www.pordata.pt/Portugal/Agregados+dom%C3%A9sticos+privados+com+computador++com+liga%C3%A7%C3%A3o+%C3%A0+Internet+e+com+liga%C3%A7%C3%A3o+%C3%A0+Internet+atrav%C3%A9s+de+banda+larga+(percentagem)-1158).

PORDATA. (2018b). *Indivíduos com 16 e mais anos que utilizam computador e Internet em % do total de indivíduos: por grupo etário*. Disponível em: <https://www.pordata.pt/Portugal/Indiv%C3%ADduos+com+16+e+mais+anos+que+utilizam+computador+e+Internet+em+percentagem+do+total+de+indiv%C3%ADduos+por+grupo+et%C3%A1rio-1139>.

PORDATA. (2018c). *Indivíduos com 16 e mais anos que utilizam computador e Internet em % do total de indivíduos: por sexo*. Disponível em: <https://www.pordata.pt/Portugal/Indiv%C3%ADduos+com+16+e+mais+anos+que+utilizam+computador+e+Internet+em+percentagem+do+total+de+indiv%C3%ADduos+por+sexo-1142>.

Relvas, A. P. (2000). Família com Filhos Adolescentes. In. A. P. Relvas, *O Ciclo Vital da Família: Perspetiva Sistémica* (pp. 145-185).

Romero-Ruiz, K., Echeverri-Sánchez, L., Peña-Plata, J., Vásquez-Giraldo, S., Aguilera-Cardona, M., Herazo-Avenida, C., ... & Bran-Piedrahita, L. (2017). Information and communication technologies impact on family relationship. *Procedia-Social and Behavioral Sciences*, 237, 30-37.

Saleem, H., Fatima, Z., Hadi, S. A., Nasir, A., & Riaz, M. (2015). Family in globalization era: A study on ICT. *Explorer*, 1(2), 29-33.

Sharaievska, I. (2017). Updating the family operating system: A Literature Review of Information Communication Technology and Family Leisure. *Leisure Sciences*, 39(5), 400-414.

Sharaievska, I., & Stodolska, M. (2017). Family satisfaction and social networking leisure. *Leisure studies*, 36(2), 231-243.

Silva, E., & Freire, T. (2014). Regulação emocional em adolescentes e seus pais/cuidadores: Da psicopatologia ao funcionamento ótimo. *Análise Psicológica*, 32(2), 187-198.

Simões, J. A., Ponte, C., Ferreira, E., Doretto, J., Azevedo, C. (2014). *Net Children Go Mobile: Crianças e Meios Digitais Móveis em Portugal: Resultados Nacionais do Projeto*. Disponível via Net Children Go Mobile em: <https://netchildrengomobile.wordpress.com/>.

Smahel, D., Helsper, E., Green, L., Kalmus, V., Blinka, L. & Ólafsson, K. (2012). *Excessive internet use among European children*. LSE, London: EU Kids Online <http://eprints.lse.ac.uk/47344/>.

Sonck, N., Nikken, P., & de Haan, J. (2013). Determinants of Internet mediation: A comparison of the reports by Dutch parents and children. *Journal of Children and Media*, 7(1), 96-113.

Symons, K., Ponnet, K., Emmery, K., Walrave, M., & Heirman, W. (2017a). A factorial validation of parental mediation strategies with regard to internet use. *Psychologica Belgica*, 57(2), 93-111.

Symons, K., Ponnet, K., Walrave, M., & Heirman, W. (2017b). A qualitative study into parental mediation of adolescents' internet use. *Computers in Human Behavior*, 73, 423-432.

Trilar, J., Kos, A., Jazbinsek, S., Jensterle, L., & Stojmenova Duh, E. (2018). ICT to Promote Well-Being within Families. *Sensors*, 18(9), 2760-2776.

Valdemoros-San-Emeterio, M., Sanz-Arazuri, E., & Ponce-de-León-Elizondo, A. (2017). Digital Leisure and Perceived Family Functioning in Youth of Upper Secondary Education. *Comunicar*, 25(50), 99-107.

Walliman, N. (2011). *Research Methods: the basics*. London and New York: Routledge.

World Health Organization (WHO) (2018). *Maternal, newborn, child and adolescent health*.
Disponível em:
http://www.who.int/maternal_child_adolescent/topics/adolescence/development/en/.